

Giuseppe Forlai

**O que podemos dizer
sobre Maria**

*Pequena mariologia
para continuar a acreditar*



EDITORIAL AO

Título original

Quello che so di lei

Piccola mariologia per continuare a credere

© Edizioni San Paolo s.r.l., 2023

Piazza Soncino, 5 – 20092 Cinisello Balsamo (Milano)

www.edizionisanpaolo.it

ISBN 978-88-922-4272-2

Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Na capa

Artesanato dos Mosteiros de Belém

Nossa Senhora com Menino – Presépio Paisano

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal

546155/25

ISBN

978-972-39-1015-5

Abril de 2025

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@snao.pt

*Em honra de Maria,
Mãe da Confiança,
padroeira do
Pontifício Seminário
Romano Maior*

Introdução

*«Maria é a respiração da alma,
o alento final do homem».*

(A. Merini)

Maria regressa, com frequência. Embora, no passado, uma certa corrente teológica e litúrgica tenha tentado pô-la de parte, a figura evangélica da Mãe do Senhor não desiste de aparecer na vida do crente. Afastados – porventura – os equívocos sobre uma suposta competição entre o Filho e a Mãe («a quem se deve rezar mais?»; «é preferível uma espiritualidade cristológica ou mariana?»), hoje damos muito bem conta de que, com este Jesus, difícil, mas inevitável, só se pode aprender a viver assumindo as atitudes interiores dos grandes santos do Novo Testamento, como Maria ou como o evangelista João.

Neste livro, tentei expor de um modo simples os dados de maior destaque da vivência de Maria, tal como nos falaram deles os Evangelhos e a Tradição da Igreja; muito ficou por referir, propositadamente, para não sobrecarregar o texto, mas quem quiser

aprofundar mais o tema encontrará, no fim deste volume, uma bibliografia essencial. O mais importante para mim era mostrar que a verdade cristã sobre a Mãe do Senhor pode ser lida como uma fiel ilustração da vida espiritual e das suas etapas. Muitas vezes, os dogmas parecem-nos abstratos e desligados da vida. Isso, porém, não é verdade. Subjacente a cada afirmação de fé sobre a Mãe de Deus esconde-se a pérola preciosa de um movimento particular da graça, de um desejo divino de chegar até nós. A Virgem, com a sua existência e com os seus mistérios, pode revelar-se verdadeiramente como a guia experiente daquele castelo que a grande Teresa de Ávila descrevia como o nosso mundo interior.

A intenção deste livro é, precisamente, descer do cume do dogma para nos dirigirmos à planície da vida comum, iluminando, com a sabedoria de uma verdade sem ocaso, alguns recantos sombrios da existência humana. Nada mais. São muitos os bons livros de teologia sobre Maria e ainda mais os livros sobre a devoção mariana: o texto que o leitor tem entre mãos pretende ser uma tentativa de mariologia narrativa e catequética; fiel à tradição e, por isso, capaz de vivificar um pouco a fé.

Este livro divide-se em quatro capítulos: partindo dos mistérios iniciais da vida de Maria (cap. 1), passa em seguida para o discipulado, durante a vida pública do Mestre (cap. 2). Segue-se uma leitura

Introdução

dos acontecimentos conclusivos do mistério mariano: o Calvário, o Pentecostes e a sua Assunção (cap. 3). Por fim, tentarei oferecer uma visão panorâmica sobre como se pode renovar a vida cristã a partir da espiritualidade mariana (cap. 4). Também quis acrescentar uma breve cronologia dos dogmas cristãos sobre Maria, proporcionando assim ao leitor um quadro de conjunto mais pontual sobre aquilo em que a Igreja crê.

Cada capítulo termina com brevíssimas sínteses dos conteúdos expostos, destinadas a alimentar a vida espiritual, e com alguns excertos escolhidos do magistério da Igreja, sempre associados ao tema. Por outro lado, no fim de cada parágrafo, indiquei passagens da Sagrada Escritura que apelam à oração e ao estudo pessoal. De qualquer modo, recorde-se que não é importante saber muito sobre Maria, mas assumir a sua *forma espiritual* com paciência e perseverança. Se tal acontecer, como escrevia São Luís Maria Grignion de Montfort, «a experiência ensinar-te-á infinitamente mais do que aquilo que eu te possa dizer».

O Espírito Santo e Maria estão ao nosso lado de cada vez que rezamos com as palavras do Divino Mestre e ajudam-nos suavemente, com mãos invisíveis e coração seguro, a folhear as páginas da nossa vida.

O que podemos dizer sobre Maria

O futuro pertence a quem ama a Palavra. É por isso que, no nosso amanhã de crentes, a jovem mulher de Nazaré permanecerá sempre como Mãe e como Discípula, barreira segura contra qualquer tentativa de reduzir a fé a um vago filantropismo e a qualquer cedência perante um seguimento de Cristo apresentado como uma caminhada sem rumo.

Capítulo I

O INÍCIO

*«Há dois modos de viver a própria vida.
Um, é o de pensar que não existem milagres,
o outro, é o de pensar
que cada coisa é um milagre».*
(A. Einstein)

1. Preâmbulo necessário: Deus cansou-se de nós?

João batiza além-Jordão. Define-se como «VOZ» de alguém que grita no deserto. A sua palavra tem uma história, vem de longe, através da sua boca chega o eco dos maiores profetas de Israel. João experimentou a pobreza, sua e dos outros. Compreendeu que a religião do Templo, a religião oficial, firmemente mantida pelos sumo-sacerdotes e pelos saduceus, já não satisfaz as expectativas do povo, já não diz nada às pessoas. Ritos de purificação, oblações e sacrifícios correm o risco de cair continua-

mente numa espécie de busca rotineira de proteção divina. Aquilo que João quer evitar é, precisamente, apresentar um Deus tipo «seguradora», que garante tranquilidade e vende ilusões de benevolência. Para ele, Deus é diferente. Deve ser procurado onde nunca o procuraremos. O Deus de João Batista é um *Vivente exigente*, que não pede presentes, mas mudanças, que não pede orações infinitas, mas justiça social: «Quem vos pediu que passásseis os meus átrios para virdes à minha presença? Cessai de me trazer oferendas vãs. O incenso, as luas novas, os sábados e as assembleias são para mim abomináveis, não suporta a iniquidade e as solenidades» (Is 1,12-13).

João é um marginal. Não fala a partir do centro da capital religiosa, mas desliza voluntariamente para o lugar simbólico e muito real do deserto, além-Jordão, onde melhor se pode fazer memória da vivência do povo de Israel, das suas traições e dos seus retornos. Deste lugar de solidão, onde tudo se pode fazer menos enganar o Criador com uma religiosidade afetada e gélida, o Batista relança o desafio de um Deus que quer agarrar de novo a história daqueles que elegeu dentre todos os povos. O Deus de João é um pai cansado: cansado de ter filhos que o procuram para comprá-lo com presentes que não lhe fazem falta; cansado de ver prostrados a seus pés profissionais do sagrado que pedem confirmações e seguranças, sem nunca porem em questão o seu

comportamento, a sua despudorada injustiça. Ora, este Deus cansado da hipocrisia dos seus filhos quer agarrar de novo os fios da história humana, como fez na Babilónia e no Egito.

João é um homem desinteressado, um homem pobre. Como os profetas, veste-se de peles de camelo, come gafanhotos e mel silvestre; como o Deus que anuncia, não aceita presentes. A sua vida pessoal é subtil, quase transparente. Quase parece que João quer fazer desaparecer o corpo para dar apenas lugar à sua voz, pois sabe que só uma coisa conta: gritar que o Senhor está próximo. Tem pouco tempo. Jejuando e perscrutando as Sagradas Escrituras, o Batista compreendeu que o Deus de Abraão e de Elias enviará o seu Messias, o eleito, rei e sacerdote, o Cordeiro, disposto a pagar o preço da redenção. Este Messias deve ser acolhido por um pequeno grupo de pessoas dispostas a segui-lo para inaugurar o seu reino de justiça e de verdadeira piedade. Quando o Eleito chegar, purificará o Templo de Jerusalém, expulsará os negociantes da religião e libertará o povo da opressão estrangeira. João espera tudo isto, consagrando a sua vida a esta missão.

Quem aceita o desafio do Deus de João? Os piores, aqueles a quem a religião do Templo fechou as portas do divino. Os irregulares da vida dirigem-se ao Jordão, irresistivelmente atraídos por aquela «voz»: a água modesta e profana do rio não é, certamente,

a água das abluções da Cidade Santa. No entanto, é sempre nervosa e veloz. Procuram a purificação, uma ocasião para se curarem da lepra do pecado e da indignação alheia, que os condena e que não lhes oferece outras oportunidades. Eis o paradoxo: não são os mornos que acorrem ao rio, mas precisamente aqueles que, mais do que todos os outros, poderiam ser condenados; aqueles que têm maior necessidade de pôr ordem na sua vida. Quem julga estar bem não vai ter com João. Quem não se apercebeu do cansaço de Deus não acredita neste novo profeta «fora da caixa», meio louco. Quem reza dizendo a Deus aquilo que deve fazer para garantir a sua própria tranquilidade não foi feito para escutar a voz do deserto.

Quem aceita o desafio do Deus de João? Só aqueles que têm tanta consciência da aridez da sua existência que já não sabem a quem hão de recorrer ou a que santo rezar. Só eles vão ter com João Batista para lhe perguntar: «Que devemos fazer?» (*Lc 3, 10*). São prostitutas, mercenários, fariseus insatisfeitos, publicanos. Já não se fiam dos seus critérios, da sua capacidade de resolver as situações. Estão cansados de tentar, de fazer propósitos de manhã e de irem para a cama derrotados, à noite. O seu cansaço está em sintonia com o cansaço de Deus.

Estes marginais do bem-estar aparente só sabem duas coisas: que estão mal e que, abandonando-se

à água do Jordão, poderão resolver alguma coisa, como acontecera no tempo do profeta Eliseu, oitocentos e cinquenta anos antes, quando o Sírio Naamã se curara da lepra banhando-se naquelas mesmas águas (cf. *2 Rs* 5, 1-19). Talvez sejam apenas pessoas desesperadas, que experimentam tudo e se ajoelham em todos os santuários. A Deus, porém, isso pouco importa. Surpreendendo o próprio João, o Onnipotente organizará naquele deserto o encontro entre o seu Filho predileto e aqueles desesperados; o encontro entre quem não aguenta mais e aquele que carrega os fardos alheios e os pecados que não são seus; o encontro entre a antiga espera de séculos e o Esperado, confundido com a multidão. Poucos o sabem, mas o encontro resolutivo já teve lugar trinta anos antes. E também tem um nome: Maria.

À escuta da Palavra:

O «cansaço» de Deus: *Is* 1, 1-28

O cansaço do homem: *Sl* 6; *Rm* 7, 14-24

«Que devemos fazer?»: *Lc* 3, 1-18

O Cordeiro que tira os pecados: *Jo* 1, 1-34

Índice

<i>Introdução</i>	7
Capítulo I – O início	11
1. Preâmbulo necessário: Deus cansou-se de nós?.....	11
2. O Inesperado em Nazaré: o esplendor da humildade	16
3. Virgem para sempre: um Mestre ciumento....	21
4. Cheia de graça: a Imaculada Conceição	27
Para crescer no Espírito.....	33
O magistério da Igreja	37
Capítulo II – A viagem	45
1. Em casa de Isabel: visitados, consolamos.....	45
2. Meditar sobre as surpresas: a escola da Palavra ..	52
3. Um Mestre difícil, mas inevitável.....	58
4. Uma discípula que se torna Mulher	71
Para crescer no Espírito.....	81
O magistério da Igreja	89
Capítulo III – A meta	93
1. Mais uma vez Mãe..., mas da Igreja.....	93
2. Transferida para os céus: no paraíso, nova Eva ..	100

O que podemos dizer sobre Maria

3. Do Céu à terra: as aparições.....	108
Para crescer no Espírito.....	116
O magistério da Igreja	122
Capítulo IV – «Recomeçar» com Maria	127
1. Que devemos fazer? Partir de novo, «renunciando».....	128
2. Render-se ao humano: o caso sério da En- carnação	132
3. Render-se ao Espírito: tornar-se pessoas «espirituais», como Maria.....	137
4. Render-se à Comunidade: fazer «pertença», como Maria	143
O magistério da Igreja	149
Epílogo – «Aprender» Maria	155
O magistério da Igreja	162
Apêndice – As principais verdades cristãs sobre Maria	165
<i>Bibliografia mínima para continuar a aprofundar ...</i>	171
<i>Índice.....</i>	173